



AS CRIANÇAS NA BÍBLIA: UM NOVO OLHAR, IMPORTÂNCIA E
ELEMENTOS EDUCATIVOS

CHILDREN IN THE BIBLE: A NEW LOOK, IMPORTANCE AND
EDUCATIONAL ELEMENTS

Érico Tadeu Xavier¹
Noemi Pinheiro Xavier²

RESUMO

Em diversas culturas as crianças não eram valorizadas e essa visão influenciou até mesmo o povo de Israel. Neste trabalho aborda-se o tratamento dado às crianças na Bíblia, visando evidenciar sua importância e fornecer elementos para que a educação atual das crianças seja realizada segundo o que o Livro Sagrado preceitua e conforme as orientações da igreja. Os resultados desse estudo revelam que Deus, pretendendo revelar-se como o Deus da vida, interviu em diferentes situações para que a vida das crianças fosse valorizada. E Jesus, com Seu amor e exemplo, elevou a posição das crianças perante a sociedade e as colocou em pé de igualdade com outros seres humanos, enaltecendo sua importância. Com isso, lançou um novo olhar para as crianças, ressaltando sua importância e o valor da educação cristã no lar. Conclui-se que a atenção dada pela Bíblia às crianças trouxe mudanças importantes para o tratamento das mesmas no contexto socioeducacional, propiciando uma nova perspectiva na educação e cuidado das mesmas.

Palavras-chave: Crianças. Bíblia. Valor. Educação.

ABSTRACT

In different cultures, children were not valued and this view influenced even the people of Israel. This work deals with the treatment of children in the Bible, aiming to highlight their importance and provide elements for the current education of children to be carried out according to what the Holy Book prescribes and according to the guidelines of the church. The results of this study reveal that God, intending to reveal himself as

¹ Doutor em Teologia. Professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (Ivatuba, PR). E-mail: etxacademico@gmail.com.

² Mestre em Educação. Psicopedagoga e professora da Faculdade Adventista Paranaense (Ivatuba, PR). E-mail: noemix1962@gmail.com.

the God of life, intervened in different situations so that children's lives were valued. And Jesus, with His love and example, elevated the position of children before society and placed them on an equal footing with other human beings, extolling their importance. With that, he took a new look at children, emphasizing their importance and the value of Christian education in the home. It is concluded that the attention given by the Bible to children brought important changes for the treatment of them in the socio-educational context, providing a new perspective in their education and care.

Keywords: Children. Bible. Value. Education.

Introdução

A Bíblia Sagrada traz o relato de como as crianças eram tratadas nas diferentes culturas que influenciaram o povo de Israel e, conseqüentemente, os cristãos atuais. Os relatos históricos mostram que as crianças, quase sempre, eram tidas como de pouca importância na sociedade, sendo raras as que recebiam uma educação adequada. Deus, porém, na sua infinita bondade e misericórdia, ouviu os gritos das crianças juntamente com os gritos dos menos favorecidos e buscou meios de modificar essa situação para que elas tivessem seu valor reconhecido.

No Velho Testamento já havia relatos de como Deus se importa com as crianças e com um tratamento e educação mais adequados a elas e, essa importância foi salientada mais firmemente no Novo Testamento com as manifestações de Jesus em Seus ensinamentos.

Este artigo, portanto, dedica-se a relatar como as crianças eram tratadas na Bíblia tendo em vista evidenciar sua importância para Deus e a sociedade e fornecer elementos para que as crianças sejam educadas, atualmente, segundo o que o Livro Sagrado preceitua, em concordância com as orientações da igreja.

A Criança no Antigo Testamento

A Palestina, terra de Canaã, pertencia ao império egípcio e o Faraó determinava todos os assuntos que deveriam ser obedecidos por aqueles que morassem no território sob seu jugo. Conforme Mesters (apud SILVA, 1997, p. 9), o Faraó controlava a região através do tributo, através do exército e através da ideologia

que ensinava o rei ser filho de deus (*sic*). E como faraó tratava a questão das crianças?

A criança, nessa época, parecia não ter valor e relatos levam a crer que possuíam uma simbologia, como segue:

Quando alguém construía uma casa, um templo ou uma cidade costumava sacrificar um filho para que fosse enterrado debaixo das fundações. Era assim que a religião de Canaã procurava a proteção dos deuses para a casa, o palácio, o templo e a cidade. Por isso, a cidade de Jericó foi reconstruída 'pelo preço' de duas crianças (1Rs.16.34) (MESTERS apud SILVA, 1997, p. 10).

Crianças também eram sacrificadas para acalmar a ira dos deuses, que acreditavam se manifestar em épocas de crises ou guerras e esse costume cananeu foi adotado pelo povo hebreu, cujos reis faziam “passar seus filhos pelo fogo” (2Rs.16.3; 21.6; 23.10; Jr.7.31, 19.5; 32.35; Ez.16.21; Lv.20.2-5, 18.21).

O Faraó também impingiu leis severas com relação às crianças como, por exemplo, quando preocupado com o crescimento numérico do povo hebreu, ele decretou a morte de meninos (Ex.1.16-22), com vistas a controlar a população. Meninas poderiam viver, pois tinham como destino “gerar filhos para o opressor e dar prazer ao seu senhor” (MESTERS apud SILVA, 1997, p. 10).

Por outro lado, havia o culto da fertilidade, promovido pelo povo cananeu. Esse culto:

[...] favorecia o acesso à divindade através do contato com prostitutas sagradas. Aumentava o número de filhos para trabalhar e guerrear a serviço do rei e, assim, produzia crianças abandonadas³. Além de desvirtuar o sentido divino, este culto desintegrava o sentido humano. A vida do profeta Oséias é um exemplo concreto de como este culto marginalizava a mulher e desintegrava as famílias. (MESTERS apud SILVA, 1997, p. 10).

Os filhos também poderiam ser vendidos para aplacar a situação de pobreza das famílias e serviam como escravos ao credor. Segundo Mesters (apud SILVA, 1997, p. 11), “Na época do exílio, a escravidão foi total, do povo inteiro, mas a maior vítima era a juventude” (Lm.5.13-14).

³ O nome simbólico das crianças indica a situação de abandono: *Lo-Ruhamah* (Sem-misericórdia); *Lo-Ammi* (Não-meu-povo) (Os 1:6-9). (MESTERS apud SILVA, 1997, p. 10).

A situação da criança, à época, em Samaria, era lamentável. Relata-se em Reis que mães chegaram a comer seus filhos para saciar a fome⁴.

Durante o cerco de Jerusalém parece acontecer essa mesma pouca importância ao sentido da vida humana: “As lamentações de Jeremias falam de crianças famintas, abandonadas, assassinadas (Lm.1.5; 15.18; 2.11-12,19) e de mães que chegaram ao ponto de matar e comer seus próprios filhos (Lm.2.20; 4.10)” (MESTERS, apud SILVA, 1997, p. 11).

Mesters relata ainda que Deus usou quatro mulheres para agir em defesa das crianças: Sifra e Fuá, que eram parteiras; e Joquebede e Miriam (mãe e irmã de Moisés). Essas mulheres iniciaram um movimento de resistência contra o Faraó, notadamente contra a decisão do extermínio dos meninos.

Foram ações como essas que fizeram com que o povo hebreu, buscando forças em Javé, condenasse práticas religiosas que causassem a morte de crianças. O maior expoente dessa condenação pode ser encontrado na história de Abraão e Isaac, como relata Mesters:

[...] Ela apresenta Abraão seguindo uma inspiração religiosa, obedecendo a um apelo de Deus que pedia o sacrifício do filho. No último momento, porém, o narrador faz saber que o Deus de Israel não quer este sacrifício (Gn.22.12). Ele condena as matanças de crianças que ocorriam em Israel (2Rs.16.3-34). Assim, a história apresenta Abraão, o pai do povo, como modelo a lutar em defesa da vida ameaçada da criança. (MESTERS apud SILVA, 1997, p. 14).

É dessa maneira que Deus passa a se revelar como o Deus da vida e as crianças passam a ser vistas sob uma nova ótica. Ressalte-se que Deus ouviu o grito das crianças e a Bíblia fala disso. Os pais estavam acostumados à cultura que se impunha à época e que preconizava pouco valor aos filhos, choravam a falta de descendência, mas Deus queria que valorizassem a vida das crianças.

Em decorrência, Deus passou a falar claramente sobre a questão e suas admoestações podem ser vistas nos seguintes versículos:

⁴ Duas mulheres combinaram entre si matar e comer seus próprios filhos. Comeram o filho da primeira. Mas a segunda não manteve a promessa. Aí, a primeira recorreu ao rei, para que ele obrigasse a outra a cumprir o prometido (2Rs. 6.24-31).

“Herança de Javé são os filhos⁵, uma recompensa aos frutos do seio. São como flechas na mão do homem forte [...] bem-aventurado o homem que tem sua aljava cheia. Não ficará confundido quando tiver que se defender de seus inimigos” (Sl.127). “Que Shaddai te abençoe e te faça fecundo ao ponto de te tornares pai de uma multidão” (Gn.28.3)⁶.

“Nunca maltrates a viúva e o órfão. Se os maltratares eu escutarei seu grito de ajuda e minha cólera se reverterá sobre ti e morrerás [...]. Tua mulher então se tornará viúva e teus filhos órfãos” (Ez.22.21-23).

É o valor da vida que importava a Deus e, percebendo isso, os homens começaram a mudar paulatinamente a cultura vigente e as crianças passaram a ocupar outra posição, como será relatado a seguir.

A Importância da Descendência em Israel

A Bíblia revela grande preocupação com as crianças⁷. Champlin e Bentes (1995, v. 1, p. 962) salientam que, tanto no AT como no NT, as referências feitas a filhos e crianças são consideravelmente utilizadas: “uma criança era considerada, entre os israelitas, uma bênção de Deus; e muitos filhos eram um sinal de favor divino, ao passo que as pessoas estéreis eram olhadas com menosprezo (Gn 11:30; 30:1; I Sm 2:5; II Sm 6:23 e Sl 127:3)”.

Conforme Daniel-Rops (1988, p. 73), tal como nas palavras do Salmista, “Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre seu galardão”. Outro salmo comparava o pai de uma família numerosa ao homem cuja mesa está cercada de oliveiras novas. Um trocadilho popular transformou a palavra *banim*, filhos, em *bonim*, construtores. Desse modo, os filhos passaram a ser esperados, desejados com alegria.

A notícia se espalhava pela vila ou quarteirão e os vizinhos eram avisados de que, segundo o costume antigo, haveria uma festa para a qual seriam

⁵ Importante salientar que não há mais distinção de sexo.

⁶ Valorização da vida.

⁷ Do hebraico *yaleb*, o termo aparece 87 vezes no AT (Gn.21.8,14,16; Ex.2.3,6-10; Rt.4.16; 1Sm.12.15,18,19,21,22; 1Rs.3.25; 2Rs.4.18,26,34; Ec.4.13,15; Is.9.6; Je.31.20, para citarem-se alguns. No grego, a palavra criança é *paidíon*, palavra que ocorre 53 vezes. E também *país*, que aparece por 24 vezes, com o sentido de “servo”, “criado”, “filho” etc. Também no AT é usada muitas vezes no plural para designar somente um descendente masculino, dando a entender descendência.

convidados todos os parentes, amigos e pessoas que vivessem nas proximidades a fim de se rejubilarem juntos. O mais humilde dos casais se apropriava da grandiosa declaração de Isaias, repleta de implicações messiânicas: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (DANIEL-ROPS, 1988, p. 73).

Há tamanha importância na descendência que uma mulher estéril no Oriente Próximo e Médio era vista com maus olhos⁸. De fato, uma teologia popular da época dizia que a mulher estéril estava debaixo do juízo divino⁹ e essa situação parecia estar ligada a questões de herança de terras e perpetuação do patrimônio e do nome da família. Conforme explicam Champlin e Bentes (1995, v. 2, p. 271), “não podia haver calamidade maior para um israelita do que a sua família desaparecer da face da terra”.

De acordo com Daniel-Rops (1988, p. 73), “quando a esterilidade era voluntária, era tida como um pecado tão grave que o profeta Isaias foi pedir contas ao rei Ezequias por causa disso, dizendo-lhe que a morte era o justo castigo de tal crime”.

A importância que se dava à descendência em Israel era tanta que até mesmo se abria uma exceção ao descanso sabático.

O desejo de assistir ao nascimento de crianças era tão grande que os rabinos abriam uma exceção na lei sagrada do descanso sabático: era lícito ajudar a mulher em trabalho de parto, levar uma parteira até ela, amarrar o cordão umbilical e até, como afirma o tratado Shabbath, cortar o mesmo. (DANIEL-ROPS, 1988, p. 73).

Compreendendo a ótica divina, Israel passou a ver as crianças como uma bênção do Senhor, passando a dar maior importância aos seus descendentes.

⁸ No Talmude, *Yeremoth* vi. 6, a um homem casado com uma mulher estéril era ordenado deixá-la após dez anos de casamento e casar-se com outra; e repetir a prática se a segunda esposa também fosse estéril. Um antigo costume, refletido na história de Sara e Abraão, consistia em dar ao marido uma concubina que lhe pudesse dar filhos, para que houvesse uma situação doméstica normal. [...] A reversão da esterilidade era uma misericórdia e intervenção divina, uma resposta à oração [...] Em sua misericórdia, Deus dá a uma mulher um lar e filhos (ver Sl.113.9) [...] As palavras hebraicas para “estéril”, no tocante à mulher são três: *otser* (restringida), *agar* (estéril); e *shakkul* (privar), demonstram as atitudes da época. [...] Alguns intérpretes pensam que uma das razões da ansiedade das mulheres judias diante da esterilidade, era a promessa messiânica. Aquela que tivesse filhos poderia ser a mãe do Messias prometido. (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 2, p. 271).

⁹ Ver Gn.16.2;30.1-23, 1Sm.1.6,20.

A Posição da Criança em Israel

O tratamento dado às crianças em Israel envolvia alguns cuidados e rituais. Os bebês recém-nascidos eram cuidados por parteiras ou servas, embora muitas mulheres judias soubessem se ajeitar sem elas, a exemplo de Maria, no estábulo em Belém (DANIEL-ROPS, 1988). Os bebês eram banhados “em água, esfregada com sal, envoltos em panos e cuidados pela mãe (Gn.21.7; 1Sm.1.23), com a ajuda de outras pessoas [...] dependendo das posses da família” (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 962).

Recebiam nomes de acordo com circunstâncias que envolviam o nascimento ou ainda por algum desejo ou esperança por parte da mãe. Acreditava-se que o nome fazia parte integral do indivíduo, e que tinha influência sobre seu caráter e seu destino. E era provavelmente no dia de sua circuncisão que a criança recebia seu nome. Com oito dias de nascidos os meninos eram circuncidados¹⁰.

A mãe também era responsável por oferecer um sacrifício de purificação no templo para apresentar a criança¹¹ a Deus, remindo-a com certa importância em dinheiro. O desmame, que acontecia geralmente por volta dos dois ou três anos de vida, também era celebrado com sacrifícios.

Apesar de serem consideradas uma bênção de Deus as crianças eram, muitas vezes, vendidas como escravas ou, ainda, dadas em pagamento de uma dívida. O pai hebreu possuía um poder ilimitado sobre seus filhos, escolhendo inclusive seus cônjuges (Gn 21:21; Ex 21:9-11). “Ele (o pai) tinha autoridade para contratar casamento para seus filhos, e podia vender uma filha como concubina; mas não podia vendê-la a um povo estrangeiro (Êx.21.7ss). Os filhos podiam ser vendidos a fim de ser paga alguma dívida [...]” (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 962).

¹⁰ O vocábulo português circuncisão deriva-se do latim, que significa, literalmente, “cortar ao redor”, referindo-se a uma pequena operação cirúrgica mediante a qual o prepúcio do pênis masculino é removido. [...] sendo um dos mais antigos costumes da antiguidade, praticado por diversos povos [...] Diversas teorias têm sido apresentadas como explicação da origem e do propósito dessa medida: a) teria finalidades higiênicas; b) seria um sinal de afiliação grupal; c) seria uma preparação para a vida sexual; d) seria um teste iniciatório da coragem, antes de um jovem ser aceito pela tribo; e) seria um meio que santifica as faculdades geradoras; f) seria um sacrifício que redime o varão do deus que lhe outorgou a vida. [...] De acordo com os judeus era uma garantia virtual da salvação, porquanto entre eles se pensava que todos os circuncidados, que eram israelitas por nascimento, já estariam automaticamente absolvidos de todo o julgamento. (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 746-747).

¹¹ Os meninos com quarenta dias de vida e as meninas com 80 dias.

Comenta ainda este autor que, os pais tinham autoridade sobre os filhos e sobre estes eram responsáveis:

Um pai podia anular um voto sagrado feito por uma filha, embora não por um filho. Dos pais esperava-se que entregassem seus filhos para serem mortos, se se tornassem culpados de abusar de um dos genitores (Ex.21.15,17; Lv.20.9). Jesus referiu-se a essa lei em Mt.15.4 e Ma.7.9. Antes da legislação mosaica, um pai podia designar quem era o seu filho primogênito, usualmente filho de uma esposa favorita, sem importar se esse filho era, ou não, o mais velho [...]. (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 962).

Assim, depois da lei mosaica, que se refere à primogenitura¹², o primeiro filho assim declarado, não podia perder esse direito, se seu pai viesse a gerar um filho de outra esposa mais favorecida (Dt.21.15-17).

A reverência aos pais era exigida totalmente e, sem esse atributo, a criança não prosperaria espiritualmente, conforme se acreditava à época.

Se uma criança amaldiçoasse a seus pais, imediatamente ficava debaixo de uma maldição divina (De.27.16). Se um filho fizesse alguma violência contra seus pais, era executado (Êx.21.15,17; Lv.20.9). Se um filho se tornasse um alcoólatra, um glutão, um malfeitor, ignorando as advertências de seu pai, seria morto por apedrejamento, pelos anciãos da cidade (Dt.21.18-21). (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 962).

Os filhos ilegítimos não tinham direito à herança e não recebiam qualquer educação formal e também eram excluídos da congregação, sendo totalmente desprezados, como se lê em Deuteronômio 23.2 e Juízes 11.2.

Sobre a adoção¹³ de filhos, relatos dizem que, na antiga Mesopotâmia havia o costume de adotar crianças. Os relatos bíblicos de adoção ocorrem, geralmente, em terras estrangeiras, conforme Champlin e Bentes (1995, v. 1, p. 962), “[...] como a adoção de Moisés por parte de uma filha de Faraó (Êx.2.10), ou a adoção de Ester

¹² Quando a criança era o primogênito, os pais precisavam cumprir um dever especial. Isto fazia parte da lei geral, pois em Israel todos os primogênitos de todos os seres vivos, assim como os primeiros frutos, pertenciam a Javé. O Todo-poderoso, ao falar a Moisés, lhe ordenara que todos os primogênitos, seja de homens ou animais, fossem dedicados a Ele. Em seu evangelho, Lucas usa o mesmo termo grego *hagion* que significa santo; tornando-se a criança uma coisa santa, oferecida a Deus e separada do mundo comum, terreno. (DANIEL-ROPS, 1988, p. 73).

¹³ Adoção traduz um termo grego que significa “colocar como filho”. [...] Sua origem foi o desejo de ter um descendente do sexo masculino para que a herança continuasse na família, quando não havia nenhum filho natural do sexo masculino. [...] Uma forma de adoção estava envolvida naqueles casos em que uma esposa dava uma serva a seu marido, mediante a qual ele geraria filhos [...] como o filho que nasceu de Abraão e Hagar. (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 1, p. 44).

por Mordecai (Es.2.7,15). [...] Abraão adotou um herdeiro (Gn.15.3), embora não houvesse qualquer legislação formal para isso [...]”. Muitos relatos mostram que, em alguns casos, os adotados já eram descendentes da mesma linhagem.

No que se refere à posição ocupada pelas meninas é sabido que, nos valores dos povos antigos, mulheres tinham menos valor que mulas e camelos. “Malditos aqueles cujos filhos são fêmeas”¹⁴. Dessa maneira, os filhos homens eram considerados bênçãos e as filhas um sêmen perdido para o pai e essa visão se sustentou por séculos, sempre relegando a mulher a uma condição de inferioridade.

Lê-se no Mishná¹⁵ que o pai não era obrigado a sustentar filhas e era comum abandonar filhas não desejadas em lixos ou à beira das estradas. Quando não eram devoradas por animais ou mortas em decorrência do frio e outras intempéries, eram recolhidas por pessoas que faziam delas prostitutas. Acredita-se que essas ações não constituíam falta de amor, mas sim uma cultura cristalizada que colocava a mulher nessa condição¹⁶.

A Educação das Crianças

O lar era a unidade básica da sociedade e cabia à mãe o papel da educação dos filhos e filhas, as quais tinham uma supervisão mais acirrada que ia até o dia do casamento. Por isso, constituía a primeira escola que as crianças judias conheciam. Nas famílias mais abastadas, professores eram contratados e se incumbiam da educação das crianças (Nt.11.12; Is.49.23; II Rs.10.1; Gl.3.24). Quanto aos pais, estes assumiam um papel ativo na educação quando os filhos atingiam a idade de cinco anos.

Conforme explicam Champlin e Bentes (1995, v. 2, p. 271), “o Antigo Testamento mostra o grande valor dado às crianças e grande responsabilidade pesava sobre os ombros dos pais, porquanto os filhos eram tidos como dons de Deus (Jó.5.25; Sl.127.3; 28.3-4. Ver também Gn.18,19 e Dt.11.19 [...])”.

¹⁴ *Quiddushim*: texto matrimonial hebraico. Lit.: santificação do matrimônio.

¹⁵ Comentário judaico da Bíblia.

¹⁶ Acreditava-se que filha não prestava, valia menos que um escravo e por isso não deveria receber instrução. Nota do autor.

A base da educação era a religiosa, bem como a leitura e escrita (Ex.12.26, 13.8-14; De.4.10,6-7). No que se refere à profissão, os meninos normalmente eram treinados na profissão que o pai exercia, aprendendo negócios e ofícios. Às meninas eram ensinadas as prendas domésticas e algumas poucas mulheres, “segundo todas as aparências, eram bem-educadas e chegaram a tornar-se líderes (Jz.4.4ss; II Rs.22.14-20)” (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 2, p. 271).

Quando surgiram as artes e ofícios, esses eram ensinados mediante o aprendizado. No que se refere às escolas¹⁷, as sinagogas tornaram-se o centro da erudição, pois não existiam escolas formais como se conhecem atualmente. Com efeito, as escolas como centros de educação são relativamente recentes e Gamaliel, nos dias de Jesus, conforme relata a História, foi o primeiro judeu a estabelecer escolas, que eram destinadas somente aos meninos.

A Criança no Novo Testamento

No Novo Testamento, as crianças passam a receber um novo olhar, como se observa no relato da história do nascimento de João Batista, a qual está repleta de fatos que merecem ser narrados, em decorrência da cultura vigente: “O seu nascimento é anunciado pelo anjo Gabriel, a Zacarias, no Templo (Lc.1.5-25). Zacarias já era idoso, assim como sua esposa Isabel, que além disso era estéril” (SILVA, 1997, p. 58).

Assim, é com o anúncio desse nascimento que a história sofre uma reviravolta.

A oração dos oprimidos é ouvida, a vergonha da esterilidade se acaba, o sacerdócio do templo fica mudo, a alegria do povo aumenta, a profecia passa a atuar com toda a intensidade. No seu programa de vida consta a recuperação das famílias, na esteira do profeta Elias, ‘a fim de converter os corações dos pais aos filhos’ (Lc.1.17). Está aberta a porta para a chegada de Jesus. (SILVA, 1997, p. 59).

O mesmo anjo Gabriel é quem faz o anúncio do nascimento do Messias e Maria dá a Ele o nome de Jesus, cujo significado traz implícita a salvação. Porém, o

¹⁷ Após o exílio babilônico, os escribas profissionais vieram à existência. Eles eram mestres na sinagoga [...]. Havia os sábios, mas o termo parece não distinguir uma classe distinta dos mestres [...] que não recebiam paga por seu trabalho [...]. (CHAMPLIN; BENTES, 1995, v. 2, p. 271). As escolas são uma invenção relativamente recente [...]. (Idem, v. 1, p. 962).

nascimento de Jesus também é cercado de um fato que implica o bem-estar das crianças:

No contexto de um censo imperial Jesus nasce (Lc.2.1-7). Nasce como migrante, forçado a viajar, desprotegido, como tantas crianças vítimas da dominação. O recenseamento visava contar as pessoas para saber quantos impostos deveriam ser arrecadados. Não poupava sequer uma mulher grávida, já às vésperas de dar à luz. (SILVA, 1997, p. 59).

Jesus nasce em terras estranhas e, dadas as condições divinas que envolvem seu nascimento, Herodes, o rei, sente-se ameaçado e decreta uma matança geral de meninos (Mt.2.1-23): “O rei poderoso, cruel e controlador, sente-se ameaçado pela simplicidade da criança” (SILVA, 1997, p. 60).

Muitas mães choram a morte de seus filhos. Percebe-se no Novo Testamento uma nova realidade: há dor e sofrimento na morte de crianças.

Jesus cresce em graça e inteligência e inaugura uma nova era, pois já em criança assombrava os doutores com sua sabedoria.

Aos doze anos de idade vamos encontrar Jesus menino entre os doutores, no templo (Lc.2.41-50). A agitação geral, em época de festa, atiçava a curiosidade, sobretudo das crianças. E Jesus se envolve nas conversas sobre religião, deixando os grandes embaraçados [...]. (SILVA, 1997, p. 61).

Nesses novos tempos muita coisa mudara. Não se sacrificavam mais os recém-nascidos e adotou-se uma prática nova, decorrente da nova mentalidade que agora se instalara e que santificava a vida.

Em lugar de sacrificar o recém-nascido, eles então o dedicavam de modo inteiramente espiritual e depois o resgatavam. Isto é, davam um animal para ser sacrificado em substituição, ou uma soma em dinheiro: foi isto que Javé exigiu deles, em memória da misericórdia que mostrara a seu povo naquela noite em que seu anjo destruíra todos os primogênitos do Egito, mas poupava os de Israel, satisfazendo-se com um cordeiro em seu lugar. (DANIEL-ROPS, 1988, p. 76).

Assim, nos dias de Cristo, o bebê deveria ser dedicado com até um mês de vida, como relata Daniel-Rops (1988, p. 76), juntamente com “uma oferta queimada de dois pombinhos ou duas rolas [...], mas os pais ofertavam também cinco ciclos de prata”. E todas as famílias judias sentiam-se felizes em cumprir esse encargo piedoso.

A Educação no Novo Testamento

No que se refere à educação das crianças, ao tempo de Cristo, White (2004, p. 48) ensina que “a vila ou cidade que não providenciava quanto à instrução religiosa da mocidade, era considerada sob a maldição de Deus”. Porém, a instrução religiosa não tinha lugar no sistema educativo que ora nascia.

Absorvido na rotina das coisas exteriores, o estudante não encontrava horas de quietação para estar com Deus. Não lhe escutava a voz falando ao coração. Em sua procura de conhecimentos, desviava-se da Fonte da sabedoria. Os grandes elementos do serviço de Deus eram negligenciados, obscurecidos pelos princípios da lei. O que se considerava como educação superior constituía o maior obstáculo ao verdadeiro desenvolvimento. Sob a influência dos rabis, as faculdades dos jovens eram reprimidas. Seu espírito se tornava constringido e estreito. (WHITE, 2004, p. 48).

Por isso, Jesus não se instruíra nas escolas das sinagogas. Foi em Maria, sua mãe, que encontrou seus primeiros ensinamentos humanos e dos profetas recebeu a instrução celestial. E Deus era seu supremo instrutor. Assim, sua instrução não se baseava nas coisas do mundo.

Desviado dos profanos métodos do mundo, adquiriu da natureza acumulados conhecimentos científicos. Estudava a vida das plantas e dos animais, bem como a dos homens. Desde a mais tenra idade possuía um único desígnio: vivia para beneficiar os outros. Para isso, encontrava recursos na natureza; novas ideias de meios e modos brotavam-lhe na mente, ao estudar a vida das plantas e dos animais. Procurava continuamente tirar, das coisas visíveis, ilustrações pelas quais pudesse apresentar os vivos oráculos de Deus. (WHITE, 2004, p. 48).

Desse estudo sistemático nasceram as parábolas que tanto Jesus usou para mostrar o amor de Deus, compreendendo a razão das coisas.

Jesus e as Crianças

Com Jesus, nasce um novo momento na história da humanidade para as crianças e a vida de adulto de Jesus mostra vários contatos com as crianças, destacando-se as situações de cura, como será relatado a seguir.

Jesus e a Cura de Crianças

Os evangelhos relatam a cura do menino que sofria muito, com uma doença complicada, da qual Jesus o liberta. Ressalta Silva que:

Com pequenas variantes, os três evangelhos sinóticos apresentam o menino com características de epilepsia. Ele cai no chão, na água ou no fogo, espuma, range os dentes, enrijece o corpo, fica atordoado. Mateus diz que ele é lunático, já em Marcos ele é mudo ou surdo-mudo, enquanto para Lucas ele solta gritos. O terceiro evangelista frisa ainda que ele é filho único. (SILVA, 1997, p. 61).

Segundo a mentalidade da época, esses diagnósticos eram atribuídos a alguém possuído pelo demônio ou a um espírito impuro. Mas o que quer se ressaltar com a citação é que, de um lado, existe um pai cheio de fé e, do outro lado, Jesus, que com amor e demonstrando a importância das crianças, cura o menino.

Segundo relata Silva (1997, p. 62), Jesus “cura também o filho de um funcionário real, de Cafarnaum” (Jo.4.46-54). Atendendo ao pedido confiante do pai do menino, Jesus lhe diz: ‘vai, o teu filho vive’, e na mesma hora o filho sente-se melhor. Assim toda a família crê, pela cura da criança.

E Jesus não faz distinção de sexo, mostrando a nova era de amor que instaurava a partir de suas ações, pois também curava as meninas, que outrora eram relegadas a um segundo plano, muitas vezes à morte: a menina do chefe da sinagoga já estava à beira da morte, Jesus vai levá-la (Mt.9.18-26; Mc.5.21-43; Lc.8.40-56).

A história de um pai aflito (Jairo) que, com muita fé, roga a Jesus por sua filha de doze anos, mostra essa realidade. Silva (1997) relata que Marcos usa a expressão ‘filhinha’ que Jairo usa para se referir à menina, mostrando que no Novo Testamento, as meninas passaram a receber uma atenção diferente e envolta de muito carinho e amor. Parece refletir o que Deus quer, o amor pela humanidade.

A cena do milagre é íntima e familiar. Acompanhado pelo pai e pela mãe da menina, além dos três discípulos de mais confiança, Jesus entra no quarto dela e segura a sua mão. Isso tendo antes passado pelo alvoroço da multidão que já pranteava a morte e que zombava ao ouvir Jesus dizer: ‘a criança não morreu, está dormindo’. (SILVA, 1997, p. 62).

E novamente outra menina é curada, desta vez a filha de uma mulher siro-fenícia, ou cananeaia (Mt.15.21-28; Mc.7.24-30). Essa cura aconteceu em terra estrangeira e a iniciativa dessa mãe é considerada ousada, ao tentar convencer Jesus a curar aquela a quem carinhosamente trata de ‘filhinha’.

Jesus usa as Crianças como Exemplos em Seus Ensinamentos

No relato da multiplicação dos pães, Jesus usa uma criança. O Evangelho de João relata que Jesus, indiferente às observações dos apóstolos, toma cinco pães de cevada e dois peixinhos, multiplicando-os, conseguindo saciar a fome de aproximadamente cinco mil pessoas. Para descrever esse acontecimento, “o quarto evangelho usa a palavra *paidárion*, que significa menininho, criança, até jovem, ou também servo” (SILVA, 1997, p. 63).

Sabedor que era da importância das crianças e conhecendo as relações entre pais e filhos, Jesus diz: Se vocês, maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai [...] (Mt.7.7-11; Lc.11.9-13). O que Jesus quis enfatizar é que as crianças são alvo de atenção e carinho, mesmo que os pais ou mães sejam maus.

Com que vou comparar esta geração? São como crianças sentadas nas praças (Mt.11.16-19; Lc.7.31-35)’. Para descrever o comportamento das autoridades, Jesus usa o exemplo das crianças brincando nas praças, nesse caso brincando de casamento e de enterro. Crianças mal-humoradas diante dos coleguinhas, assim são os chefes, no seu infantilismo, acusando João Batista e Jesus de beberrão. (SILVA, 1997, p. 63).

A Bíblia, no Novo Testamento, é rica em relatos de ocasiões em que Jesus usou as crianças para atingir os adultos. Num momento de alegria, Jesus agradece ao Pai, por ter revelado estas coisas aos pequeninos (Mt.11.25-27; Lc.10.21-22). Nesse sentido, Silva relata que:

O contraste é entre esconder e revelar. E a realidade é escondida dos sábios e inteligentes, e revelada aos pequeninos. Maior contraste não poderia haver. A palavra usada aqui para pequenino é *népios*, que tem o sentido de infante, menor, com as implicações de indefeso, inexperiente e simples, tendendo mesmo para a estultície. Define, com isso, as pessoas mais capazes de entender a mensagem do reino. A mensagem de Jesus segue a lógica de privilegiar os simples [...]. (SILVA, 1997, p. 64).

Em outra passagem, Jesus adverte: “Se vocês não se tornarem como as crianças [...]” (Lc 18:17). Nessa ocasião, Jesus estava reunido com os discípulos, que perguntavam a Jesus quem seria o maior no reino dos céus. Calmamente, Jesus chama a uma criança com a intenção de evidenciar quem é o maior. Silva relata que Jesus colocou a criança no meio de todos, insistindo que receber a uma criança significa receber a Jesus. “Com variantes nas palavras de Jesus, os três evangelistas¹⁸ (Mateus, Marcos e Lucas) apresentam a criança como símbolo máximo do reino dos céus” (SILVA, 1997, p. 64).

Jesus enaltece a importância das crianças, quando orientou a não escandalizar os pequenos (Mt.18.6-7; Mc.9.42; Lc.17.1-2).

Pequeno (*mikrós*) é sempre um critério básico para o projeto de Jesus. Agora a ameaça fatal se dirige a quem colocar pedra de tropeço no caminho destas pessoas de fé. A imagem usada se reveste de brutalidade, ser lançado ao mar com uma pedra de moinho ao pescoço. Tamanha é a importância dos pequeninos para Jesus. (SILVA, 1997, p. 64).

E, por fim, Diz Jesus: “Deixai vir a mim as criancinhas [...]”¹⁹. Jesus queria as crianças ao seu redor, porém, instruídos nas coisas terrenas, Seus apóstolos não entenderam esse objetivo e quando as mães trouxeram as crianças para que fossem abençoadas por Jesus, afastaram-nas.

Os apóstolos ainda estavam imbuídos da mentalidade da época, que acreditava que as crianças não tinham muito valor na sociedade e que somente incomodavam, atitude reprovada por Jesus. Pearlman (1995, p. 88) comenta que:

Segundo a cultura judaica da época, se uma criança não se portasse como um adulto, não poderia jamais ver o Reino de Deus. Em Mateus 18:1-5, o Mestre ensina justamente o oposto. Os discípulos não haviam atinado ainda com o valor dos pequeninos em relação ao Reino de Deus. Com certeza era este o seu pensamento: ‘São apenas crianças. Que utilidade podem ter na obra de Cristo?’

Assim, traziam-lhe as crianças para que as tocasse e os discípulos falavam mal por causa disto. Mas Jesus indignou-se com essa atitude e disse-lhes: “Deixai

¹⁸ Segundo o autor, novamente, os três evangelistas usam a expressão *paidíon* (criancinha ou infante, com menos de sete anos de idade).

¹⁹ As palavras usadas são: *paidíon* (criancinha) em Mateus e Marcos, e *brephos* (bebê), em Lucas. (SILVA, 1997, p. 65).

que venham a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é feito delas²⁰. Em verdade vos digo quem não acolhe o reino de Deus como uma criança, não entrará no reino de Deus”. E as abraçava e impunha suas mãos sobre elas (Mc.10.13-16). A atitude dos discípulos, que as repeliam, reflete:

[...] certa mentalidade corrente no mundo de então. Jesus reage indignado e manda abrir caminho para as crianças, com a mais forte razão possível, porque delas é o reino dos céus. E acrescenta novamente a condição para pertencer ao reino, tornar-se criança. Enfim lhes impõe as mãos (segundo Mateus) e as abraça, abençoa e impõe as mãos (em Marcos). (SILVA, 1997, p. 65).

Os evangelhos também narram que as crianças acolheram Jesus na sua entrada em Jerusalém e gritavam: “Hosana ao Filho de Deus”. Com grande indignação dos príncipes, dos sacerdotes e dos escribas, as crianças gritavam: “Hosana ao filho de Davi”. E eles disseram “Ouves o que eles dizem”? Ao que Jesus respondeu: “Perfeitamente. Nunca lestes estas palavras? Da boca dos meninos e das crianças de peito tirastes o vosso louvor?” (Mt 21:16), referindo-se a Salmos 8:3.

Essa narração mostra mais uma lição de Jesus, que usou as crianças como exemplo. Contra a arrogância e o poder daqueles que se consideravam donos da verdade, Jesus mostra que eles devem aprender com as crianças. São elas que ensinam como Deus deve ser louvado.

Era o fim do caminho e o ponto de chegada. Assim, Jesus condenou definitivamente uma mentalidade secular e a criança estava situada no lugar que Deus reservou para ela desde a criação do mundo: delas é o reino dos céus.

A Educação das Crianças Atualmente

Tendo em vista o tratamento dado por Jesus às crianças, é relevante ressaltar que o amor de Deus restaurou o papel da vida, que se inicia sempre por um nascimento e por uma criança. E, nessa perspectiva, é importante evidenciar a

²⁰ “Tais palavras significam que as crianças que morrem antes da idade da razão, beneficiam-se automaticamente da obra expiadora de Cristo. Descrevem também as qualidades que devem caracterizar os que almejam entrar no reino – humildade, docilidade, confiança e simplicidade (Mt.18.1-5)”. (PEARLMAN, 1995, p. 88).

atenção que as crianças devem receber atualmente, seguindo o que preceitua a palavra de Deus.

Há muitos pais e pessoas, em geral, que relegam as crianças a um segundo plano, a exemplo do que fizeram os apóstolos, quando as crianças se aproximaram de Jesus. Isso se nota em todos os aspectos da vida, notadamente na orientação cristã. Entretanto, Spurgeon aconselha que se dê maior atenção a elas. Ele comenta:

Diria que, de modo geral, tenho mais confiança na vida espiritual das crianças, que já recebi na igreja, que na condição espiritual dos adultos. Digo mais: usualmente descubro um conhecimento mais claro do Evangelho, e um amor mais profundo por Cristo, nas crianças convertidas do que nos adultos. Ficarão ainda mais surpresos se disser que tenho me deparado com crianças de dez ou doze anos com uma experiência espiritual mais profunda do que certas pessoas de cinquenta ou sessenta anos. (SPURGEON, apud PEARLMAN, 1995, p. 92).

Isso porque, para o autor, as crianças ainda estão livres do apelo social, da denominada sabedoria mundana e do ceticismo que já contaminou os adultos.

Em decorrência, é possível entender o que Jesus queria dizer quando se manifestou assim: “Em verdade vos digo quem não acolhe o reino de Deus como uma criança, não entrará no reino de Deus” (Mt 18:3). Obviamente, Jesus não quis que os adultos se infantilizassem, mas que sua atitude para com Deus deveria ser de docilidade, simplicidade e confiança, como agem as crianças.

Hoje, assim como nos tempos relatados no Antigo e Novo Testamento, a educação das crianças se inicia no lar, em meio à família e de maneira informal. Trata-se de uma matriz modeladora que organiza seu mundo interno, preparando a criança para inserção no mundo que a rodeia. Mas nesse organizar, nesse preparar, muitas vezes Deus é esquecido, a palavra divina não é pronunciada e a criança, o futuro adulto, desvia-se da igreja. Por isso, Ellen White aconselha a dar maior importância ao ensino das crianças.

Pais e mães devem sentir que se lhes impõe o dever de guiar as afeições dos jovens, a fim de que possam ser colocados naqueles que hajam de ser companheiros convenientes. Devem sentir como seu dever, pelo seu próprio ensino e exemplo, com a graça auxiliadora de Deus, modelar de tal maneira o caráter de seus filhos desde os seus mais tenros anos que sejam puros e nobres, e sejam atraídos para o bem e para o verdadeiro. (WHITE, 1976, p. 172).

E mais, os pais devem ser um exemplo tanto em palavras como em ações tornando seus filhos a expressão mais pura do amor que Deus tem por todos nós. E, no que se refere ao amor de Deus para com nossos filhos, a Bíblia ensina:

- a) a “criá-los na disciplina e admoestação do Senhor” (Ef.6.4);
- b) a “criá-los no temor de Deus” (Pv.1.7);
- c) a “ensiná-los nos caminhos do Senhor” (Pv.22.6);
- d) a “discipliná-los no tempo próprio” (Pv.13.24; 23.13-14; 29.15);
- e) a “orar com eles e por eles” (Jó.1.5);
- f) a “ensinar-lhes a Palavra de Deus” (Dt.6.4-9);
- g) a “levá-los à casa de Deus enquanto crianças” (1Sm.1.24; Lc.2.21-24);
- h) a “incentivá-los a uma vida em e com Deus” (2Tm.1.4-5);
- i) a “viver uma vida piedosa e de exemplo diante deles (Mt.5.13-16);
- j) a incentivá-los a tomarem uma decisão por Cristo o mais cedo possível; e
- l) a “Contar com a graça e ajuda de Deus no cumprimento da tarefa” (Jo.15.5).

Dessa maneira, em vista de como as crianças foram tratadas nos relatos bíblicos, a importância da educação cristã fica evidente sendo imprescindível que as crianças sejam ensinadas com o mesmo amor e valor que Cristo lhes dava e dá.

Considerações Finais

Este estudo trouxe um breve relato de como as crianças eram vistas e tratadas nos tempos do Antigo Testamento e como essa percepção mudou depois da vinda de Jesus, que com Seu amor, lançou um novo olhar para as crianças, ressaltando sua importância e o valor da educação cristã no lar.

Nesse sentido, fica evidente que, a atenção recebida pelas crianças, nos relatos bíblicos, ressalta a importância que, atualmente, deve ser atribuída a elas, no sentido de que recebam a educação e cuidado adequados, segundo os preceitos de uma educação cristã equilibrada e voltada a proporcionar um crescimento intelectual, moral e espiritual que lhes auxilie a reconhecerem-se como pessoas de valor para Deus e para a sociedade.

Referências

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Vol.1. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Vol.2. São Paulo: Candeia, 1995.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1988.

MESTERS, Carlos. Criança não é problema! Ela é solução! In: SILVA, V. Crianças no Novo Testamento. **Revista Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 54, p. 9-10. 1997.

PEARLMAN, Myer. **Marcos, o evangelho do servo de Jeová**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

SILVA, Valmor da. Crianças no Novo Testamento. In: SILVA, V. Crianças no Novo Testamento. **Revista Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 54, p. 58-59. 1997.

WHITE, Ellen. **Patriarcas e profetas**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

WHITE, Ellen. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

Artigo recebido em: 14/04/2021.
Artigo aprovado em: 28/05/2021.